

Conexão Porto-Brasil: Adolfo Casais Monteiro

Walnice Nogueira Galvão

As circunstâncias que cercaram o traslado para o Brasil de Adolfo Casais Monteiro, àquela altura já reconhecido como importante crítico literário, merecem registro devido a seu carácter romanesco, em meio a uma trama que envolveu muitas pessoas e alguns países.

Os preparativos para a celebração do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo, ocorrendo em 1954, prosseguiram a toque de caixa. A celebração deveria ter o famoso cunho de fausto e pompa que cabiam ao estado mais rico da federação, a famosa “locomotiva” a rebocar todos os outros estados. Desfiles, cortejos, festividades em geral; uma Bienal de Artes Plásticas; um festival internacional de cinema com estrelas estrangeiras; inauguração do parque Ibirapuera; e muitas outras maravilhas.

Entre os eventos do ano, montou-se o Congresso Internacional de Escritores, sob a presidência de Paulo Duarte, com o duplo patrocínio da Unesco e da Comissão do IV Centenário. Os participantes contribuíam com pelo menos um prémio Nobel, William Faulkner, e um poeta famoso na pessoa de Robert Frost. Forasteiros eram igualmente Paul Rivet (do Musée de l'Homme, de Paris), Leopoldo Zea, Roger Bastide (que dera aulas na cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo durante dezesseis anos, de 1938 a 1954), Paul Arbousse Bastide (idem durante dez anos, em Sociologia I de 1934 a 1941, e

de Política de 1941 a 1944), Jacques Louis Havet (da Unesco), Herbert W. Schneider (idem, onde era chefe da Divisão de Cooperação Cultural), George Schuster, Antony Babel, Alberto Insúa, Guido Piovene, Rodrigues Lapa, Jaime Cortesão, Morton Dawen Zabel (crítico norte-americano, que fora nos anos 30 o primeiro professor de Literatura Americana na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil, no Rio, mais tarde incorporada à UFRJ), Reverendo Günther M. Wiltgen, Claude Lefort. E mais alguns portugueses, adiante mencionados.

Paulo Carneiro, de atuação destacada durante muitos anos como embaixador do Brasil na Unesco, foi decisivo no trazer para o IV Centenário os Encontros Intelectuais promovidos regularmente por aquele órgão, com o objectivo precípua de cerrar os laços culturais entre o Velho e o Novo Mundo.

Tanto o Congresso — dividido em três seções, uma de assunto culturais, outra de poesia e outra de teatro — quanto os Encontros tiveram lugar na Biblioteca Municipal (depois batizada Mário de Andrade) e foram planeados para duas semanas consecutivas, o Congresso de 9 a 15 e os Encontros de 16 a 21 de agosto de 1954.

Excepcionalmente, a seção de poesia do Congresso se reunia na Câmara Brasileira do Livro, e o júri de literatura, formado por Antonio Candido, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes de Almeida premiou *O Rio*, de

João Cabral de Melo Neto, apresentado sob pseudônimo. A iniciativa do evento coube à Sociedade Paulista de Escritores, de que Paulo Duarte era presidente, contando com a colaboração de numerosas outras instituições do ramo, como a Academia Brasileira de Letras, Academia Paulista de Letras, Clube de Poesia de São Paulo, Associação Brasileira de Críticos Teatrais, Sociedade Carioca de Escritores, PEN Clube do Brasil e Câmara Brasileira do Livro. Foram considerados presidentes de honra do Congresso o presidente em exercício da Comissão do IV Centenário, Guilherme de Almeida, e seu ex-presidente, Francisco Matarazzo Sobrinho, o popular Cicillo, mecenas e amigo das artes, a quem tanto devem a Bienal de Artes Plásticas e o Museu de Arte Moderna de São Paulo. Os procedimentos do Congresso previam comunicação de "teses", as quais tinham sido preparadas de antemão e enviadas aos relatores, que divulgariam seus comentários nas sessões. Teve-se o cuidado de solicitar tais trabalhos não só aos locais mas sobretudo aos estrangeiros e aos brasileiros de outros quadrantes. Fôra da maior relevância nas operações preparatórias o desempenho do intelectual Paulo Mendes de Almeida, enviado especial da Comissão do IV Centenário ao exterior para fazer contactos e efetuar convites. Nessa qualidade, teve o ensejo de combinar com Adolfo Casais Monteiro sua vinda — definitiva, porém ostensivamente apenas para o Congresso. Para começar, a Comissão tinha mandado convidar dois escritores de oposição, Miguel Torga e Adolfo Casais Monteiro. O governo português reagira, condicionando a permissão para a saída de ambos à formulação de convites a "dois dos nossos", no caso o conde de Aurora e o professor de literatura Álvaro da Costa Pimpão. Este último era conhecido camonista, e entre outros trabalhos deixou uma edição crítica da lírica camoniana. Quanto ao conde de Aurora, título de José António de Sá Pereira Coutinho, era o terceiro de sua linhagem. Nascido em Ponte de Lima em 1896, faleceria no Porto em 1969. Formado em Direito por Coimbra, fundou o jornal *Pregão Real* em 1921, mesmo ano em que

publicou o romance *D. Aleixo*. Dirigiu a Liga Agrária do Norte e exerceu o cargo de juiz do Tribunal de Trabalho do Porto. Destacou-se pelo cunho nacionalista de sua atuação e obra. Há tempos Casais Monteiro, que se formara pela primeira Faculdade de Letra do Porto, vivia uma situação angustiada em seu país. De esquerda, mesmo não sendo comunista de partido, nos anos 30 fora preso juntamente com a esposa ao dedicar-se a levantar fundos em apoio à Guerra da Espanha. Exercia então o cargo de professor no liceu Rodrigues de Freitas, no Porto. Demitido, viu-se proibido de dar aulas, até particulares, bem como de dirigir periódicos. Ainda assim, esteve à frente do semanário *Mundo Literário* durante um ano (1946-7), embora sob a direção nominal de Jaime Cortesão Casimiro. Durante a guerra, editara juntamente com Jorge de Sena o jornal *O Globo*, que defendia a posição dos Aliados. Vivia de traduções, e preparava a edição da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Já publicara alguns livros de poemas, e mais *Manuel Bandeira — Estudo de sua Obra Poética, seguido de uma Antologia* (Lisboa, Editorial Inquérito, 1943). E vários trabalhos sobre Fernando Pessoa — campo em que viria a ser autoridade — inclusive uma antologia com ensaio seu, de 1942, primeira publicação daquele poeta em livro afora *Mensagem*, e que precederia de alguns meses o início da edição das obras completas pela Ática. Em função dos desígnios secretos que norteavam sua vinda ao Brasil, cuidou-se de dar o maior realce à presença de Casais Monteiro. Basta um relance pelos Anais para verificar esse fato. Foi-lhe atribuído o primeiro lugar entre os oradores, como apresentador da primeira tese, logo na primeira sessão. Foi o único a quem se solicitaram duas teses. Uma delas foi a de abertura do Congresso, "Problemas da crítica de arte", que depois figuraria num pequeno livro, *Uma Tese e algumas Notas sobre a Arte Moderna*, publicado pelo Ministério da Educação, em 1956. E a outra, a de encerramento da Seção de Poesia, "Fernando Pessoa, o insincero verídico", integraria posteriormente os *Estudos sobre a Poesia de Fernando Pessoa*, publicado pela Agir, em 1958. Mas ainda no ano de 1954 viria à luz a plaquete bilingüe do Clube de Poesia contendo *Alguns dos "35 Sonetos" de*

Fernando Pessoa, em traduções suas e de Jorge de Sena.

Foi posto no seletivo grupo de apenas onze membros nomeados para redigir a Declaração de Princípios que constituiria a tomada de posição do Congresso. Foi designado formalmente porta-voz dos congressistas estrangeiros, tendo falado em nome deles na sessão oficial de instalação. Foi incluído na comissão encarregada de depositar um ramalhete no túmulo de Mário de Andrade, juntamente com Emílio Moura, Alphonsus de Guimaraens Filho, Mário da Silva Brito, Afonso Ávila, João Cabral de Melo Neto e Domingos Carvalho da Silva (*Anais*, p. 231-2).

O Congresso contou com temas variados e personalidades de relevo. Alguns trabalhos foram concatenados para mostrar amplas perspectivas contrastantes, cabendo a Roger Bastide apresentar uma tese sobre "L'Amérique vue par l'Europe" e ao jovem Florestan Fernandes outra sobre "Como a América vê a Europa". As demais não tinham esse cunho, mas também mostravam alto grau de generalização, como por exemplo a do igualmente jovem Claude Lefort, intitulada "La littérature moderne comme expression de l'homme" e a de Morton Dawen Zabel, intitulada "Problems concerning modern media for the diffusion of thought". E essas, somadas à inicial de Casais, constituíram o total de teses do Congresso propriamente dito.

Já na Seção de Poesia, apresentaram teses mais específicas concernentes ao tema, além de Casais, também João Cabral de Melo Neto, Rodrigues Lapa, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Aderbal Jurema, Artur Eduardo Benevides, José Paulo Moreira da Fonseca, Vitorino Prata Castelo Branco. Como se viu, em suma, tudo foi arquitetado para que Casais tivesse grande visibilidade e seu renome exalçado. Para contrabalançar ou ao menos disfarçar um pouco, guindou-se Álvaro da Costa Pimpão à mesa que presidia os trabalhos. Entretanto, as posições relativas eram bem demarcadas, como mostra o discurso de Paulo Duarte na sessão de encerramento, que termina estendendo seus agradecimentos "a Casais Monteiro, a Rodrigues Lapa, a Miguel Torga, a Jaime Cortesão, a Agostinho da Silva, a Sarmiento Pimentel, nossos irmãos gêmeos no nosso anseio de

intelectuais livres; e também às figuras simpáticas e cordiais de Costa Pimpão e do conde de Aurora, da representação oficial portuguesa." (*Anais*, p. 233)

Aqui é bom notar que se trata de um verdadeiro catálogo de oposicionistas, sendo que o comandante João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel, conhecido como "O Capitão", era o chefe dos portugueses no exílio em nosso país, editando o jornal *Portugal Democrático* a partir de 1955 e detendo imenso prestígio no seio da intelectualidade nativa.

Mas, naturalmente, as coisas não ficaram por aí nem foram de todo tranquilas. A Declaração de Princípios acabou saindo curta e bastante incisiva: "Proclamando que nossa atividade só se pode exercer num clima de liberdade a mais irrestrita e real, repelimos qualquer espécie de coação à livre manifestação do pensamento e nos declaramos solidários com todos os nossos confrades que, em qualquer latitude do universo, quaisquer que sejam as suas idéias, se achem por qualquer forma impedidos de exprimi-las." (*Anais*, p. 249 – trecho).

Impossível maior explicitação. Não despertou protestos, pois foi lida ao apagar das luzes, só seguida pela última fala do presidente. Mas o conclave não perdia por esperar. No desenrolar do módulo seguinte, os Encontros Intelectuais, os portugueses trocaram farpas. Casais Monteiro não desperdiçou a ocasião e a audiência, esmerando-se em escaramuças e atritos, fustigando o regime de seu país, terçando armas sobretudo com o conde de Aurora, que se abespinhou e o enfrentou várias vezes, em debates que foram transcritos nos Anais.

Assim, logo na segunda sessão, a 17 de agosto, Casais contestou nominalmente o titular, dizendo-lhe que o nacionalismo que aquele defendia era contra os princípios universalizantes. O conde replicou, obtemperando que "o nacionalismo de Eça de Queiroz significava espiritualismo. Não é nacionalismo." Ao que Casais retrucou, sendo aplaudido: "É quase a mesma coisa". (*Anais*, p. 424-5).

Em outra ocasião, na sétima sessão, a 19 de agosto, Casais apresentou uma pequena comunicação, "Elementos de compreensão entre Brasil e Portugal", contendo estocadas certeiras contra aqueles dentre seus conterrâneos que

queriam obrigar a história a retroceder “às instituições anteriores ao liberalismo”, com o intuito de anular os efeitos da Revolução Francesa. E dá seu testemunho do que significa a “cultura arregimentada”, na qualidade de “cidadão de um país sujeito a um regime autoritário há quase trinta anos.” — afirmando que o fermento da cultura não pode deixar de ser a liberdade (*Anais*, p. 552 ss.).

O conde de Aurora reage imediatamente, embora visivelmente em palpos de aranha, numa longa intervenção. Entre elogios ao orador e declarações de concordância, não pôde deixar de defender o “culto ao passado” que Casais atacara. E alfinetou-o pessoalmente, ao sublinhar que sua referência aos últimos trinta anos encobria o fato de que “durante esses trinta anos um poeta, que nunca havia sido distinguido, foi premiado e foi oficialmente enviado a um Congresso; foi dentro deste período de calma espiritual que um dos grandes poetas de Portugal, sobre o qual Casais tem falado, recebeu o primeiro prêmio dado oficialmente pelo governo, quando se começou a premiar os escritores.” (*Anais*, p. 556-7). Ao que tudo indica, o primeiro aludido é o próprio Casais e o segundo Fernando Pessoa, premiado por *Mensagem*, em 1934.

Mas houve tréplica, Casais novamente desafiando o adversário, para dizer-lhe que a expressão que utilizara, a de uma “cultura arregimentada”, não é apenas retórica, já que em Portugal não há liberdade, há censura à imprensa e só se admite um partido; e oficial (*Anais*, p. 558). O conde de Aurora retruca, fornecendo o exemplo do duque de Palmela, que não pertencia ao partido único mas fora apesar disso nomeado embaixador. Quanto à censura, defende-se, declarando que ela é “indispensável” e que existe por toda a parte, em diferentes graus, cabendo aos juristas substituí-la por “uma boa lei de imprensa para que se não caia na completa licença”. (*Anais*, p. 561). Depois disso, reinou, ao menos publicamente, a trégua entre os contendores.

Uma vez instalado no Brasil, Casais passou a colaborar com o jornal *O Estado de S. Paulo*, onde foi acolhido como tantos outros refugiados da mesma procedência, e como pouco

depois o seria Jorge de Sena. Esse jornal tornou-se um foco de resistentes — alguns mais, outros nem tanto — portugueses durante os anos 50 e 60. Foram seus editorialistas João Alves das Neves, Miguel Urbano Rodrigues, Santana Mota, João Alves dos Santos. Vítor Cunha Rego foi redator político. O poeta Carlos Maria de Araújo praticou diversas modalidades, entre as quais a crônica, e fez programas para a Rádio Eldorado, propriedade do mesmo grupo. O capitão Henrique Galvão — que mais tarde comandaria o seqüestro do navio português *Santa Maria* — escrevia artigos sobre a fauna africana. Nuno Fidelino de Figueiredo era colaborador. Dando azo a confusões de identidade, o escritor Urbano Tavares Rodrigues, irmão de Miguel Urbano Rodrigues, também escreveu eventualmente para o mesmo periódico, embora nunca fizesse parte do corpo editorial. À época, foi várias vezes ao Brasil para visitar o irmão e para participar de congressos, sem jamais fixar-se no país.

Aventavam-se duas razões para Júlio Mesquita Filho distinguir tanto os lusos: por alimentar, à época, princípios democráticos, já que ele próprio se exilara e tivera o jornal confiscado pela ditadura Vargas durante vários anos; e por sua convicção de que escreviam bem. Na mesma linha, a sucursal em Paris, cujo chefe era Gilles Lapouge, assessorado por Clélia Piza, brasileira, empregava dois correspondentes daquela nacionalidade, Novais Teixeira e António Dacosta. Este é o pintor que ilustrou o poema *Europa*, de Casais, sendo o autor de um reputado retrato do escritor.

Os holofotes que iluminaram a atuação de Casais no Congresso conferiram-lhe uma certa popularidade, tornando-o logo disputado como conferencista. Sua carreira didática formal já se inicia no ano seguinte, em 1955, quando António Soares Amora lhe transfere temporariamente sua cadeira de Literatura Portuguesa na Universidade Mackenzie. De 1956 a 1962 reside no Rio, mas nesse ínterim encontramo-lo em 1959 dando aulas na Universidade Federal da Bahia, onde é contemporâneo de Eduardo Lourenço. Em 1962 passa para a Faculdade de Filosofia de Araraquara, no Estado de São Paulo, a chamado de Jorge de Sena, o qual, embora mais tarde

chegado ao Brasil, ali já se encontrava anteriormente. Naquela cidade lecionaria até falecer. Quanto a sua inestimável contribuição a nosso debate cultural, começa já no segundo número do *Suplemento Literário* do jornal que o acolhera, estreando então e iniciando os fecundos dez anos da gestão Décio de Almeida Prado

(1956-1967). E a esse órgão prestou colaboração até à morte, em 1972, embora não mais semanalmente como ao ritmo dos primeiros anos. Seus dois últimos artigos constituem necrológicos de amigos poetas, o surrealista António Pedro, também pintor, que fora o contacto com a revista *Clima* de São Paulo nos anos 40, e José Régio.

Bibliografia

- *Antis*: Sociedade Paulista de Escritores, *Congresso Internacional de Escritores e Encontros Intelectuais*, São Paulo, Anhembi, 1957
- *Artigos de Adolfo Casais Monteiro publicados no Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo* (Orgs. Maria Magaly Trindade Gonçalves et al.), *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, n.º 12, Unesp — Araraquara, 1983
- Walnice Nogueira Galvão, "Vida, obra e militância" e "A militância não-partidária", em *Antonio Candido — Pensamento e militância*, (Org. Flávio Aguiar), São Paulo, Humanistas/Fundação Perseu Abramo, 1999

NOTA: Comunicação apresentada ao *Congresso Portugal-Brasil Ano 2000*, realizado no Porto em Junho de 2000. Capítulo do livro coletivo inédito *Missão Portuguesa*, que reúne trabalhos de vários autores sobre a presença no Brasil de intelectuais portugueses expatriados no século XX (em preparo).

